ERIN BEATY

A MISSÃO TRAIÇOEIRA

Tradução

GUILHERME MIRANDA

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2018 by Erin Beaty
Publicado mediante acordo com o Macmillan Children's Publishing Group, um selo do Macmillan Publishign Group, LLC.
Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Traitor's Ruin

CAPA E ILUSTRAÇÃO DE CAPA Rafael Nobre

MAPA Maxime Plasse/ Imprint

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Érica Borges Correa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Beaty, Erin
A missão traiçoeira / Erin Beaty ; tradução Guilherme Miranda. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2018.

Título original: The Traitor's Ruin.
ISBN 978-85-5534-071-0

1. Ficção juvenil I. Título.

18-18034 CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

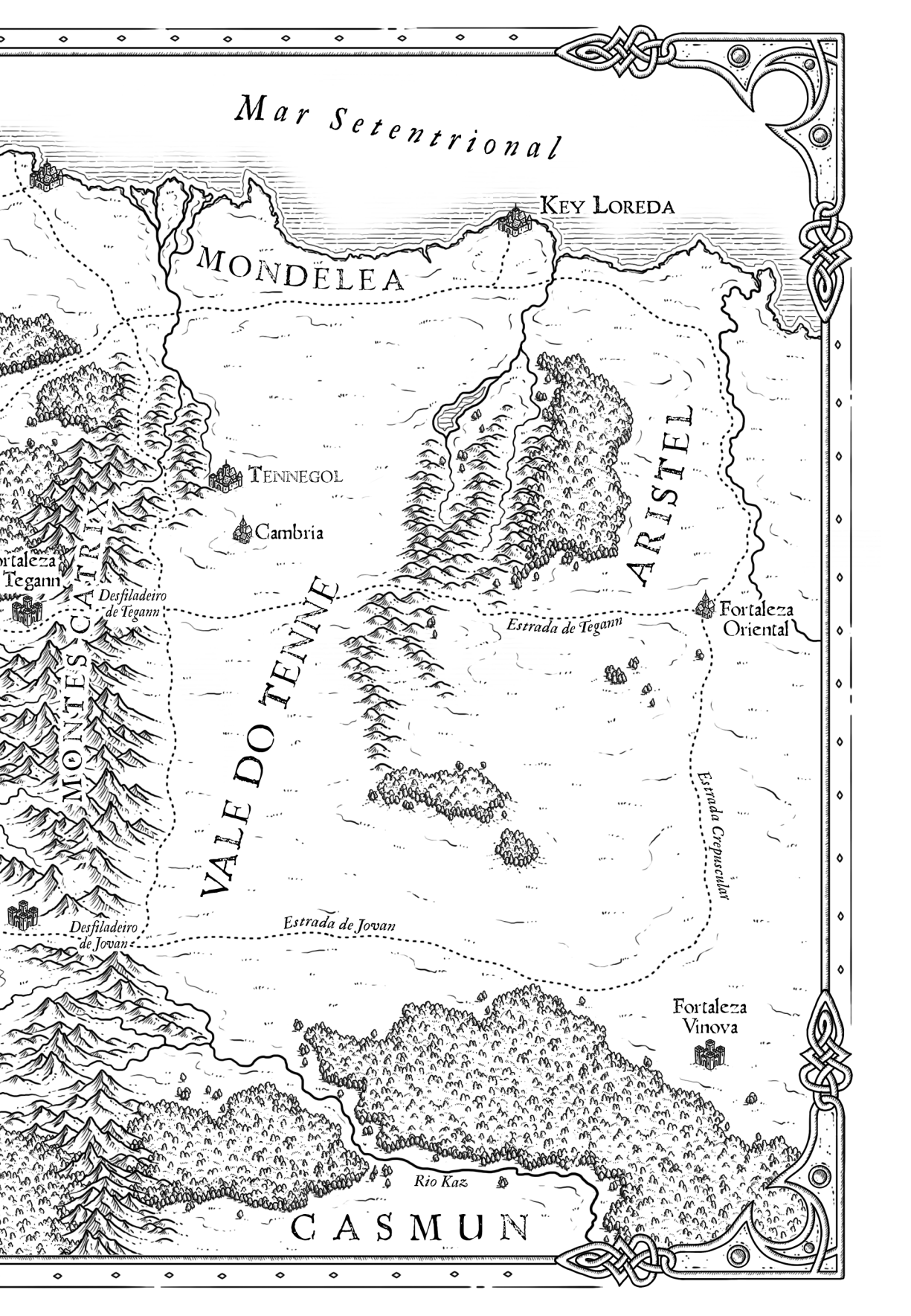
Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2018]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.seguinte.com.br
contato@seguinte.com.br

/editoraseguinte
@editoraseguinte
Editora Seguinte
editoraseguinteoficial

Para Kim, que não me avisou que aquele primeiro rascunho era horrível e tornou tudo isto possível.

REYAN
Sey Lamancha
Estrada Fronteiriça
CRESCERA
Estrada Setentrional
Broadmoor
Fortaleza Ocidental
Colina Garland
Galarick
Encruzilhada Sagitta
Estrada de Tegann
Estrada Crepuscular
Rio Nai
Estrada Span
TASMET
Fortaleza Jovan
Cruzamento da Cabeça de Flecha
Bey Lissandra
Mar Ocidental
KIMISARA
2016


Mar Setentrional
Key Loreda
MONDELEA
Tennegol
Cambria
ARISTEL
rtaleza
Tegann
Desfiladeiro
de Tegann
MONTESCATRIX
VALE DO TENNE
Estrada de Tegann
Fortaleza
Oriental
Estrada Crepuscular
Desfiladeiro
de Jovan
Estrada de Jovan
Fortaleza
Vinova
Rio Kaz
CASMUN

1

Agulhas de tricô não eram armas muito eficazes, mas funcionavam melhor na esgrima do que bicos de pena.

Sage partiu para cima da princesa, que a bloqueou sem dificuldades, parando pouco antes de terminar o golpe.

— Não, não — disse Sage. — Continue empunhando a espada e empurre a minha para longe para poder atacar. — Ela deu um passo para trás. — Vamos tentar de novo.

— Com licença? — interrompeu Carinthia, que tinha onze anos e estava do outro lado da sala de aula. — Não consigo me concentrar com combate de tricô ao fundo.

A princesa Rose baixou sua "espada" e revirou os olhos, mas Sage fez sinal para que ficasse quieta.

— Desculpe, Cara. Quantos exercícios faltam?

— Cinco.

— Já chega por hoje. Está liberada.

Carinthia saiu correndo antes que Sage terminasse a frase.

— Quer que eu dê uma olhada na tarefa dela por você?

Aritmética era fácil para Rose, e ela faria qualquer coisa para deixar o bordado para depois.

— Não, obrigada. — Sage pegou a folha de papel e a examinou. Doze dos quinze exercícios respondidos estavam corretos. Ca-

rinthia tinha melhorado muito nos nove meses desde que ela tinha se tornado sua tutora.

— Você vai ao pátio de treinamento hoje? — Rose perguntou, girando a agulha de tricô distraidamente.

Sage tentou fingir que não estava pensando naquilo havia horas enquanto respondia que sim.

— Vai ter um jogo de esgrima de círculo duplo hoje. O sr. Reed disse que estou pronta. — Ela observou a sala para confirmar que estava tudo arrumado, então estendeu a agulha de tricô para Rose. — Não esqueça isto.

A princesa fez uma careta antes de pegá-la. Juntas, elas entraram na sala adjacente, onde a mãe e a irmã de Rose estavam sentadas trabalhando numa tapeçaria elaborada perto da lareira. A rainha era uma nortenha de pele clara com cachos brilhantes da cor do trigo, os quais Rose havia herdado. Ao lado dela, a princesa Cara finalmente estava em seu território, costurando figuras escarlates no tecido pesado. Rose resmungou. Ela não gostava de tricotar, mas *odiava* bordar.

Sage fez uma reverência.

— Acabamos por hoje, vossa majestade — ela disse. — Precisa de mim para mais alguma coisa? — A rainha tinha um pouco de hipermetropia, e Sage havia assumido a função adicional de secretária particular poucos meses antes. — Alguma correspondência nova?

— Desconfio que na verdade quer saber se tem algo para você — a rainha brincou. — Mas não, não tem nada.

Sage franziu a testa. Era a segunda semana seguida sem nenhuma mensagem de Alex. Como ele era sobrinho do rei e ela trabalhava para a família real, suas cartas particulares costumavam ser incluídas em despachos oficiais que iam e vinham para a capital. A entrega era mais confiável, embora ainda assim esporádica.

Orianna tirou os olhos da tapeçaria com um sorriso caloroso.

— O desfiladeiro de Tegann já abriu este ano, então a comunicação vai melhorar nas próximas semanas. Fique tranquila que, se chegar algo, encaminho para você na mesma hora.

Sage não sabia se algum dia deixaria de se sentir tão constrangida quando membros da família real demonstravam tanta consideração pelos seus sentimentos.

— Se não tenho mais nada a fazer, peço licença, vossa majestade.

— Posso ir com ela, mãe? — perguntou Rose.

O tom da rainha ficou mais formal ao se dirigir à filha mais velha.

— Você já negligenciou o bordado duas vezes esta semana para acompanhar Sage. Em ambas, prometeu compensar o trabalho, e não manteve sua palavra.

— Mas, mãe…

— A resposta é não. — Orianna analisou o tecido com a lupa. A leitura e as tentativas de enxergar de perto forçavam sua visão e lhe davam dor de cabeça, mas costurar era uma atividade que ela se recusava a abandonar. — Não adianta insistir.

Sage deu de ombros para a menina de treze anos, mas, por dentro, estava feliz de não ter um público. Rose foi até seu cesto de costura batendo os pés e se jogou na poltrona, sentando-se de qualquer jeito. Orianna olhou feio para ela, e Rose se empertigou na mesma hora. Com um suspiro, a rainha se recostou e esfregou os olhos antes de se voltar para Sage com um sorriso cansado.

— Você foi ao pátio de treinamento todos os dias esta semana, se não me engano. Se não fosse pelo capitão Quinn, diria que está de olho em alguém.

Sage corou.

— Treinar faz com que me sinta mais próxima dele de alguma forma. — O conflito em Tasmet havia começado no verão anterior

e já entrava no nono mês. Por mais cartas que trocassem, não havia como compensar todo o tempo separados. — Além disso, eu gosto. E, com tantos soldados novos chegando, há muita coisa a aprender.

A expressão de Orianna ficou sombria.

— Bem, tenho certeza de que não quer se atrasar.

Ela voltou para sua costura e enfiou a agulha no tecido.

Sage não entendeu a mudança súbita de humor da rainha, mas não tinha tempo de pensar naquilo. Fez uma reverência e saiu da sala já empunhando uma espada mentalmente. Teria de se apressar para garantir uma armadura acolchoada pequena o bastante para seu corpo esguio. Em sua euforia, já tinha descido vinte degraus antes de se dar conta de que ainda estava de vestido. Sage deu meia-volta e correu para o quarto, afrouxando os laços do corpete no caminho. Cinco minutos depois, pegava atalhos pelos corredores de serviço, de calça e camisa de linho.

Mais soldados do que nunca enchiam o pátio, gritando cumprimentos a velhos conhecidos e fazendo novas amizades. Sage atravessou a multidão, concentrada em chegar à arena principal. Fazia tempo que havia deixado de procurar automaticamente o rosto de Alex em cada grupo de soldados, na esperança inútil de que não tivesse conseguido avisar que estava a caminho de Tennegol.

Ela tinha sido parcialmente honesta com a rainha. Aquele lugar de fato a fazia se sentir mais próxima de Alex, mas seus motivos eram mais profundos. Desde a morte de seu pai, cinco anos antes, a vida de Sage tinha sido controlada por outras pessoas. Seus tios eram bem-intencionados, mas a haviam criado para depender de um marido para sua segurança e seu bem-estar. Quando trabalhou para Darnessa, a casamenteira lhe deu uma independência maior. Sage poderia ter encontrado seu caminho depois de alguns anos, mas no verão anterior tudo tinha mudado. Ela nunca havia se sentido tão desamparada, um fardo ainda maior do que se sentia em Tegann.

Os soldados de Alex tiveram de levar pacotes de chama vermelha — um pó que criava colunas enormes de fumaça quando incendiado — aos batedores fora da fortaleza para que pudessem pedir reforços. Sage era a única capaz de sair pela galeria de esgoto, mas foi capturada por um sentinela. Aquilo quase tinha custado sua vida: ela havia conseguido escapar por muito pouco.

E se recusava a ficar desamparada novamente.

Sage conseguiu pegar a última armadura pequena o bastante para ela, à frente de um escudeiro que havia perdido tempo pegando uma espada primeiro. Ela tentou não parecer triunfante enquanto enfiava os braços nas mangas e afivelava a metade de cima à de baixo. Para sua sorte, aquele traje era feito para cavalgar, o que significava que era mais largo e não era acolchoado nas nádegas e atrás das coxas — e Sage precisava de espaço extra naquelas partes específicas.

Depois de atar a armadura, ela escolheu uma espada de treinamento, optando por uma mais pesada do que as que os escudeiros costumavam usar. Ia se cansar rápido, mas havia aprendido que o peso extra compensava um pouco seus braços fracos. Aquilo também a deixava mais forte. Sage prendeu a espada entre os joelhos enquanto enfiava a trança cor de areia dentro do elmo e o fechava. Então se empertigou e avaliou o peso da espada, sentindo um nervosismo súbito que a fez tremer.

Naquele dia, descobriria se era boa de verdade.

2

Sage assumiu sua posição no círculo interno de lutadores, voltada para o lado de fora. Outro círculo se formou ao redor deles, com o mesmo número de participantes. Ela saudou seu primeiro rival e assumiu uma postura em guarda, se perguntando vagamente se conhecia aquele homem. Com o estofamento volumoso e muitas vezes disforme, além do capacete, havia apenas três ou quatro soldados que ela conseguia identificar com certeza — e um deles só porque não tinha um braço. A recíproca também era verdadeira. Por causa de seu tamanho, a maioria imaginava que Sage era um escudeiro, o que era bom para ela. Os guardas regulares haviam se acostumado com sua presença nos últimos meses, mas, com tantos soldados novos chegando, a situação ficaria delicada se descobrissem que era uma mulher.

Ao toque de um sino, Sage e seu oponente entraram num ritmo de ataques e defesas. Como era a primeira rodada, os dois estavam mais interessados em se aquecer do que em marcar pontos. Eles avançaram e bloquearam com intensidade crescente até um sino indicar o fim da rodada, sete minutos depois. Ambos baixaram as armas e se cumprimentaram. O parceiro de Sage deu alguns passos à direita para que outro lutador pudesse se posicionar na frente dela. Sage saudou o novo rival e ajeitou os pés para a próxima rodada.

Depois de quatro rotações, ela suava muito sob a armadura, mas estava satisfeita com seu desempenho. Alguns esgrimistas entravam e saíam da formação, e dois deles se inseriram duas posições à direita dela. Sage não os reconheceu, mas teve a impressão de que um a observava. Teria visto indícios de que era uma mulher? Sage esperava que não. Quando o homem chegou mais perto, ela o avaliou com cuidado.

Um pouco de barba escura escapava do elmo acolchoado, de modo que ele deveria ter no mínimo uns vinte anos. Era mais alto do que ela, mas a maioria dos homens era. Parecia forte, mas sem ser corpulento demais. O estofamento o deixava um pouco corcunda, e sua espada… era uma arma de treino comum, não uma espada pessoal, mas ele a manejava como uma extensão de seu braço, com agilidade e uma eficiência tranquila. Nenhum movimento era desperdiçado. Um golpe em seu ombro a lembrou de prestar mais atenção em seu oponente. Sage enxugou o suor dos olhos e voltou a se concentrar na luta.

Ao toque seguinte do sino, o homem de barba entrou à frente dela. Um movimento exagerado do elmo indicou que a olhava de cima a baixo. Avaliando-a, sem dúvida. Embora Sage não conseguisse ver nada — daquele ângulo, nem mesmo o pescoço barbudo —, teve a impressão de que ele sorria quando a saudou. Definitivamente não a via como um desafio. Ela mostraria a ele que não era nenhuma novata.

Em menos de um minuto, a superioridade do soldado ficou óbvia. O sr. Reed descrevia Sage como avançada, para seu tempo de treinamento, com uma técnica elegante e promissora, mas seu novo oponente previa todos os seus golpes e os contra-atacava sem dificuldade. Quando ele partiu para a ofensiva, Sage pôde ver que se movia devagar para facilitar. Sentiu raiva por ser tratada com condescendência, mas ao mesmo tempo estava grata que o homem

não a tivesse simplesmente desarmado em três segundos. Depois de um tempo, ela percebeu que estava sendo testada. Seu oponente deixava que mostrasse o que sabia fazer, de modo que Sage começou a gostar dele — até se inclinar demais para a direita em uma parada e o homem girar sua espada e batê-la no traseiro dela.

Através da fenda do elmo, Sage entreviu os dentes dele quando sorriu. Ela sentiu um rompante de fúria — seu oponente sabia que ela era mulher! Por que outro motivo teria feito aquilo, senão para zombar dela? Quase cega de raiva, Sage recuperou o equilíbrio e atacou. Ele a bloqueou facilmente. Sage o empurrou e deu um passo para trás, enquanto o homem balançava a cabeça em alerta. Ela atacou ferozmente, mas ele derrubou a espada dela no chão e encostou a parte plana da sua própria no traseiro de Sage mais uma vez.

Lágrimas de humilhação turvaram seus olhos. Quando ela se levantou de punhos cerrados, pensando no que fazer, ele pegou a espada dela e a ofereceu de volta. Não havia sinal de sorriso atrás da máscara daquela vez, e Sage entendeu. Ele a tinha alertado para não atacar com raiva e lhe dera uma lição quando não seguira seu conselho. Resignada, Sage pegou a arma e assumiu a posição em guarda. O homem aprovou com a cabeça, e os dois recomeçaram.

O sino tocou, finalizando a disputa, mas ele fez sinal para o lutador seguinte dar a volta. O outro deu de ombros e passou pelos dois. Seu parceiro misterioso tinha interesse nela. Era estranho, considerando seu nível de habilidade — ele não ganharia nada ao ficar. Então o sino tocou novamente, e ela deixou sua confusão de lado para se concentrar na luta. Depois de alguns golpes, o homem deu um passo para trás e fez sinal para ela abaixar a espada. Com cautela, Sage obedeceu. Seu adversário passou a espada para a mão esquerda e se aproximou por trás dela. Sem dizer uma palavra, encostou a mão no punho de Sage e a corrigiu, guiando seu braço

num arco de ataque mais eficiente. Suas instruções eram mais úteis à sua altura e à sua força do que aquelas que haviam lhe dado antes.

— Obrigada — Sage disse, a palavra ecoando em seu elmo. O homem assentiu e reassumiu sua posição. Quando passou a espada de volta para a mão direita, flexionou a esquerda algumas vezes, como se estivesse dormente. Os olhos dela se arregalaram.

Não podia ser.

No entanto, quanto mais o observava, mais certeza tinha. Quando a rodada acabou, seu parceiro mais uma vez fez sinal para o lutador seguinte passar. O homem do sino gritou que aquela seria a última rodada.

A luta entre eles mudou. O oponente de Sage ficou mais agressivo, forçando-a para trás quase o tempo todo. O homem claramente pretendia fazer com que ela se rendesse ao final, embora Sage soubesse que ele poderia fazer aquilo a qualquer momento.

Para ganhar a luta, ela precisaria de mais do que habilidade.

Sage esperou o momento certo, então vacilou. Como ela sabia que aconteceria, o homem aproveitou sua abertura. Mas Sage estava pronta para levar o golpe. Fingindo que ele a havia cortado, ela se jogou no chão com um grito de dor. Seu parceiro soltou a espada e tentou segurá-la.

Ele a virou de costas no chão e se ajoelhou ao lado dela, tirando o capacete de Sage e apalpando suas costelas.

— Onde? — o homem ofegou. — Onde se machucou?

Sage sorriu.

— Estou bem, capitão, mas você já era. — Ela deu um golpe na barriga dele com a ponta cega de sua espada de treino. Ele baixou os olhos.

Tirando o próprio capacete com dificuldade, voltou-se para Sage com um misto de orgulho e irritação nos olhos castanhos.

— Você é uma trapaceira, sabia?

— Pelo que me lembro, você me ensinou a usar todas as vantagens a meu favor.

Alex riu.

— Pois é. Me rendo, milady.

Todo o acolchoamento dificultava um beijo, mas ele deu um jeito.